

FORMAS TRADICIONAIS E INOVADORAS DE TRATAMENTO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Caio Sousa Cantanhede¹

Mestre em Língua Portuguesa – PUC-SP

Thiago Zilio Passerini²

Mestre em Língua Portuguesa – PUC-SP

RESUMO

Apresentar-se-ão aqui algumas considerações sobre as formas de tratamento mais comuns e analisar-se-ão outros usos emergentes na língua portuguesa do Brasil, no que diz respeito à função vocativa que desempenham. A conceituação geral sobre as formas de tratamento será abordada, passando por um breve percurso histórico, em que se mensurará o advento, os usos e desusos de algumas formas, em Portugal e no Brasil. Serão analisados alguns trechos em que se destacam as principais formas de tratamento no Português brasileiro. Também, outras formas de tratamento serão levantadas, relacionadas diretamente à função vocativa, conforme assinala Azeredo (2013), utilizando trechos de registro oral, em que se evidenciam tais ocorrências, cujo contexto de uso é informal.

Palavras-chave: Tratamento, Português, Historiografia, Gramaticalização

Considerações iniciais

A questão das formas de tratamento no português brasileiro tem sido motivo de inúmeros trabalhos, sobretudo nos dois últimos séculos, dado o desenvolvimento dos estudos científicos da linguagem. O presente artigo tem como objetivo apresentar algumas considerações sobre as formas mais comuns e analisar outros usos emergentes na língua portuguesa do Brasil, baseados na função vocativa que desempenham.

¹ Endereço eletrônico: caioss355@hotmail.com

² Endereço eletrônico: thizilio@yahoo.com

Inicialmente, será feita a conceituação do que se entende como forma de tratamento. Em seguida, será traçado um breve percurso histórico, a fim de mensurar o advento, os usos e desusos de determinadas formas, tanto em Portugal quanto no Brasil.

Posteriormente, serão analisados alguns trechos em que se evidenciam as principais formas de tratamento no português brasileiro. Nessa ocasião, haverá o destaque das questões contextuais, relacionadas às situações de menor ou maior monitoramento. Além disso, serão mostrados os principais processos de gramaticalização por que passou a forma *você*.

Na segunda parte, serão levantadas outras formas de tratamento diretamente relacionadas à função vocativa, conforme assinala Azeredo (2013). Para tanto, serão utilizados dados colhidos por falantes jovens da escola pública. Concomitantemente, serão explicadas as tendências de gramaticalização que envolvem as mencionadas formas.

As formas de tratamento: conceituação

As formas de tratamento são as expressões utilizadas pelo falante para se dirigir a seu interlocutor em determinada situação discursiva. Esse uso, nas palavras de Fávero (2017), revela não só as crenças e valores de uma sociedade, como também as mudanças nas relações sociais.

Do ponto de vista gramatical, conforme assinala Azeredo (2013), as formas de tratamento podem ser divididas em dois grupos: o dos **vocativos** e o dos **pronomes**, que, combinados ao verbo, desempenham função de sujeito ou complemento.

No grupo dos vocativos, encontram-se as formas ritualizadas, incorporadas a determinada prática. Estas ainda podem ser divididas em protocolares, relacionadas às convenções, à etiqueta e à formalidade, e não protocolares.

Quando as empresas dirigem-se a seus clientes, por exemplo, é comum a expressão “prezado cliente”. Nela, não há individualização. Cumpre-se apenas um protocolo, ou seja, dispensa-se um tratamento padrão. Já no uso de expressões como “doutor” ou “colega”, ficam mais claros tanto o perfil social do interlocutor quanto sua individualização (Azeredo, 2013, p. 264).

As formas não protocolares seriam as utilizadas por oradores, cantores, políticos, quando se dirigem a uma massa, indistintamente, utilizando termos como “pessoal”, “galera”, “gente”, “povo”, entre outros. Ainda nesse âmbito, encontram-se outras formas, utilizadas em situações menos monitoradas, como *mano*, *cara* e *meu*, das quais se falará posteriormente.

No grupo dos pronomes de tratamento, encontram-se as formas *tu*, *vós* e *você*. Delas advêm, por exemplo, os pronomes *te*, *ti*, *contigo*, *vos* e *convosco*. Cabe aqui ressaltar o desuso absoluto das formas *vos* e *convosco* do português brasileiro, exceto em alguns textos rituais da esfera religiosa cristã.

As formas de tratamento na língua portuguesa

Embora o foco do presente trabalho seja o português brasileiro, é importante contextualizar a origem das formas de tratamento no português europeu para estabelecer relações de continuidade e de descontinuidade no uso que aqui se faz delas. Para isso, será utilizada a divisão proposta por Cintra (1972).

1º momento: do galego ao português do século XIV

Nesse período, há predominância das formas *tu* e *vós*. A primeira encontra-se associada às situações de maior intimidade e, portanto, de menor monitoramento. Já a segunda corresponde tanto às situações de maior intimidade (plural de *tu*), quanto às situações de maior formalidade, como se pode observar no trecho abaixo. Nele, é evidente o tratamento cerimonioso que o eu lírico dedica ao Rei de Castela, por meio da forma nominal *senhor* e da forma pronominal *vós*.

(Meu senhor Rei de Castela, cantiga de escárnio do século XIII)

Senhor, por Santa Maria,
Mandad'ante **vós** chamar
Ela e mim algun dia
Mandade-nos raz[ô]ar:
Se s'ela de min queixar
De nulha ren que dissesse,
Em sa prison quer'entrar. (Lapa, 1995, apud Massini-Cagliari, 2007, p. 205)

2º momento: do século XV à metade do século XVIII

A partir do século XV, observa-se a profusão de novas expressões de tratamento, incorporadas de outros idiomas, como o castelhano (*vossa mercê*) e o italiano (*vossa alteza* e *vossa senhoria*). De acordo com Cintra (1972, p. 19), elas apresentam um caráter que confere substância às qualidades reais, sobretudo a *generosidade e o senhorio*.

Sobre a fórmula *vossa mercê*, por exemplo, assinala Said Ali (1976, p. 93):

Aos reis de Portugal falou-se a princípio por vós, secundado muitas vezes pelo vocativo Senhor. A este tratamento ajuntou-se *vossa mercê*, apelo a um predicado de monarca e linguagem que afagava a sua vaidade e amor próprio. Os súditos, dependentes sempre da mercê ou graça do príncipe, apresentavam as suas queixas e requerimentos dando-lhe o habitual vós. Sabiamente pediam por *mercê* e punham frequentemente *vossa mercê* por vós, referindo-se, não à pessoa do soberano, e sim à graça e favor que dele dimanava.

Favor, graça, mercê nascem da inclinação benevolente da vontade e arbítrio do príncipe [...]

Além disso, essas formas de tratamento refletem o candente processo de hierarquização da sociedade lusitana, atrelado, *ipso facto*, à necessidade de manutenção dos papéis sociais de dominação. Por esse motivo, à medida que o uso de determinada forma vai se estendendo a outras classes sociais, outra forma é implementada (Faraco, 1996, p. 61, apud Fávero 2017).

Um exemplo claro desse fenômeno deu-se com *vossa mercê*, cujo uso para o monarca estabeleceu-se até 1490, sendo substituído por *vossa alteza* no século seguinte. Isso se verifica, por exemplo, em 1500, na Carta a el Rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil:

Senhor,

Posto que o Capitão-mor desta Vossa frota, e assim os outros capitães escrevam a **Vossa Alteza** a notícia do achamento desta Vossa terra nova, que se agora nesta navegação achou, não deixarei de também dar disso minha conta a **Vossa Alteza**, assim como eu melhor puder, ainda que — para o bem contar e falar — o saiba pior que todos fazer. (Caminha, 1997, p. 7)

Ressalta-se ainda que *vossa senhoria* nunca constituiu forma unânime de tratamento monárquico, mas esporádica. Seu uso foi destinado, então, aos fidalgos de mais alta nobreza, o que o fixava, de acordo com Cintra (1972, p.22), em um nível superior a *vossa mercê*.

No fim do século XVI, por meio da publicação das “leis das cortesias”, D. Filipe II promove a alteração no quadro das formas de tratamento e estipula *vossa majestade* aos reis, *vossa alteza* aos membros diretos da realeza, *vossa excelência* aos filhos dos infantes e ao Duque de Bragança e *vossa senhoria* às demais autoridades, tais como arcebispos, bispos e duques.

Na mesma época, conforme assinala Faraco (1996, s/p), *apud* Fávero (2017), o pronome *vós* já se configurava como uma forma arcaica e a forma *vossa mercê* passou a ser simplificada foneticamente como *vossancê*³ (1646) ou *ocê*⁴ (1666).

As implicações históricas no português brasileiro

No que se refere às formas pronominais de tratamento no Brasil, é ponto pacífico a predominância de *ocê* com relação a *tu*. Tal ocorrência revela o fato de o país ter sido colonizado pelas classes mais populares de Portugal, em que o uso de *vossa mercê* era corrente (Fávero, 2017).

Tal visão é corroborada por Said Ali (1976, p. 95), que diz:

[...] *Vossa Mercê* agradava a todo o mundo. A classe humilde não tardou a apoderar-se da fórmula nova para uso próprio, mas sendo uma expressão um tanto longa e tendo de ser repetida a cada instante, a gente do povo abreviou-a em *vossancê*, *vossemecê*, *vossecê* e finalmente *ocê* [...]

Outro aspecto importante está relacionado à característica conservadora do PB: no século XIX, a forma *ocê* era predominante, inclusive entre as classes mais altas por guardar o prestígio de *vossa mercê* (Rumeu, 2013, p. 546).

O trecho a seguir, escrito em 1869, mostra claramente esse aspecto:

Condessa de Barral: Eu fiquei tão contente que nem sei como pude descer a escada do colégio. Meu pensamento foi de Montmartre ao Brasil e **V.** havia de sentir o fluido pelo seu coração.”

Imperador D. Pedro II: “Ah! se senti! **Você** sabe que bem lhe quero!”

Condessa de Barral: “Ah! Se sei!” (Soto, 2007, p.159, *apud* Rumeu 2013,p.547)

É preciso ressaltar, entretanto, o fato de o excerto retratar uma situação de comunicação mais íntima dos interlocutores. Dessa forma, apesar de a forma *ocê*

³ Como se observa em Melo (s/d, p.4), “Guarde Deos a *vossancê*”.

⁴ “.... Pois *vossês* cuidam, que tudo o que é seguir metáforas, é saber dizer equivocados? [...]” (Melo, 1916, p. 51)

guardar certo prestígio intrínseco, é observado que ela já se deslocava para situações de uso menos monitoradas, tal qual acontece hoje no PB e também no PE, ainda que não de modo unânime, conforme assinala Boléo (1946, p. 113)

Há formas de tratamento que são consideradas modernas e elegantes num dado meio e que seria impossível empregar noutro. É o caso do *você*, que se usa muito entre senhoras e cavalheiros da chamada boa sociedade, quando existe certa familiaridade, e, sobretudo, entre rapazes e raparigas das cidades, mas que noutros meios é sentido como um modernismo mal soante, e até mesmo, nalgumas aldeias de Portugal, como um insulto.

De acordo com Amaral (1976, p. 191), a forma *vossa mercê* apresentou as seguintes variantes: *vacê*, *vancê*, *vassuncê*, *vossuncê*⁵, que denotam traços de maior ou menor familiaridade. No excerto que segue, datado de 1892, a Baronesa de Guaraúna vale-se da forma *vassuncê* para se dirigir à prima e à tia:

Prima Maria Tia Delfina

Eide estimar que **Vacunces** andem com saude eu aqui vou vivendo cheia de trabalhos. Com esta três que escrevo com o fim de **Vacumce** ver se trata casamento aomenos para 4 das suas e 4 de nha Lisbella está um conto de res pronto para cada uma das que estiverem com o cazamento tratado nha Maria veja se **Vacumce** ou a prima Joaquina vem trazer aomenos três das meninas que esas eu e nha Jinda aprontamose arramjamos noivos bons moços **Vacumçes** facão sacrifício e dem providençias nisto que lhe peço pois meu desejo e aplicar esse dinheiro para minhas subrinhas. [...] (Roman, 2012, p. 229)

Acerca da escolha de *vassuncê*, devem ser feitas duas considerações. A primeira é o fato de se tratar de uma situação discursiva familiar, o que levaria a crer a menor formalidade do termo. A segunda é o uso de uma forma “estigmatizada”⁶, que demonstra um caráter não tão estanque na escolha das variantes, pois o remetente em questão pertencia a uma classe superior.⁷

Embora não haja consenso no que tange ao início do uso da fórmula *você* no PB, é possível afirmar, conforme assinala Nascentes (1956, p. 117), que ela já se encontrava em uso pelo menos desde o século XVIII. No século seguinte, como se

⁵ Antenor Nascentes (1956) elenca outras formas, além das citadas por Amaral (1976), dentre as quais destacam-se: *cê*, *mecê*, *mincê*, *ocê*, *oncê*, *sucê*, *suncê*, *vainicê*, *vansmincê*, *voncê*, entre outras.

⁶ Quando se diz aqui estigmatizada, refere-se ao fato de tal forma estar associada às classes inferiores no trato com seus superiores, um traço que preserva o aspecto rural desde seu surgimento na língua espanhola, de acordo com Biderman, 1972, apud Gonçalves, 2008.

⁷ Sobre essa questão, ressalta-se a posição de Said Ali (1976, p. 95), ao afirmar que todas as formas abreviadas guardaram certa noção de respeito, exceto *você*. Isso pode suscitar a questão do uso de *vassuncê* em uma situação de comunicação que exigiria menos formalidade dos interlocutores. Desse modo, é questionável se a fórmula em questão figura como uso mais ou menos respeitoso. A afirmação do filólogo também se contrapõe à de outros estudiosos aqui citados, que atribuem a característica arcaizante do PB, dada à formalidade precípua de *você*, advinda de *vossa mercê*.

demonstrou, sua consolidação foi posta em marcha, apesar da coexistência de outras fórmulas, de uso menos frequente.

Além disso, é importante observar que, afóra o fato de guardar um traço arcaizante inerente à língua, a forma de tratamento *você* manteve-se ligada às situações de mais intimidade/proximidade entre os interlocutores, em concorrência com formas mais cerimoniosas, conforme assinala Mattoso Câmara Jr (2006, p. 119):

Outra possibilidade, que é a que funciona no dialeto culto da área do Rio de Janeiro⁸, é usar para o ouvinte o verbo na terceira pessoa e marcar a posição do ouvinte, em relação ao falante, pelas palavras *você* (tratamento íntimo) e o *senhor* (feminino em -a) para o tratamento mais cerimonioso.

Você e tu: continuidades e descontinuidades no PB

Apesar de já se ter afirmado que o uso de *você* é predominante no PB, sobretudo entre pessoas da mesma classe social, conforme assinala Bagno (2016, p. 748), é importante ponderar que a forma *tu* ainda se faz presente entre os falantes brasileiros.

Geograficamente, o pronome de tratamento *tu* é utilizado no norte da Amazônia Legal (Amazonas, Pará, Amapá, Maranhão), em estados do Nordeste, no Distrito Federal, no Rio de Janeiro e na região sul. Nesses lugares, coexistem tanto *tu* quanto *você*, ao passo que em outros estados, como São Paulo e Minas Gerais, a forma *tu* não faz parte do vernáculo dos nativos e, quando ocorre, evidencia-se que o falante é proveniente de outras regiões. (Bagno, 2016, p. 752)

Do ponto de vista da formalidade, é interessante ressaltar que, nos lugares em que ocorre, o *tu* está relacionado às situações mais espontâneas de fala e que, em situações de maior monitoramento, ocorre o uso de *você*. Tal procedimento denota um aspecto interessante: apesar de já se ter mencionado o caráter de proximidade da forma *você*, esta é também uma forma de denotar menos proximidade nas comunidades em que *tu* se faz presente.

No entanto, é possível perceber a alternância entre as duas formas com os mesmos interlocutores, sem que sejam demarcadas relações de distanciamento, como se observa no seguinte trecho:

⁸ Ainda que o autor tenha ordenado sua pesquisa na referida cidade, é possível encontrar tal fenômeno em todo o território brasileiro, como se verificará adiante.

Caraca! Tu é muito chata, brother! Pára de jogar bem, velho! Cê rouba, né velho? Isso que é o seu problema, você rouba. (Falante brasileiro masculino, de 27 anos, em 2006, exemplo do corpus de Dias (2007), apud Scherre, et alii, 2011, p.120)

Bagno (2016, p. 752) menciona ainda o fato de haver uma diferença entre as duas formas, no que se refere à *marcação*. A forma *você*, por ser mais difundida, torna-se não marcada, ao passo que a forma *tu* torna-se marcada⁹. Por essa razão, por exemplo, a publicidade vale-se sempre da primeira forma para se comunicar virtualmente com a “cidadã e o cidadão comuns”, conforme se pode observar nas seguintes imagens.



Já na década de 40, é possível observar a prevalência da forma de tratamento *você* para o público geral, como se verifica na presente propaganda do sabonete Palmolive, veiculada na revista O Cruzeiro, em que se lê: “Você também pode obter em 14 dias êstes benefícios para sua pele”.

O mesmo ocorre na década posterior, em anúncio da marca de sabonetes Lever, veiculado na mesma revista. No fim da imagem, lê-se “Siga você também o exemplo das estrelas [...]”

⁹ Os termos *marcado* e *não marcado* referem-se à questão do uso das formas, em que se observa um caráter mais restrito ao primeiro e um caráter mais amplo ao segundo. Conforme assinala o próprio Bagno (2016, p. 478), o termo não marcado pode ser considerado neutro, o que o faz, erroneamente, ser considerado como “dentro da norma”, ao passo que o marcado se mantém “fora da norma”. Curiosamente, ao pensar em termos normativos, seria a forma *tu* a “normal”, visto que é defendida pelo que se chama de norma-padrão. No entanto, na língua em uso, tal classificação pertence à forma *você*, tendo em vista a sua ocorrência absoluta em todas as comunidades do PB.



Eis porque as estrêlas usam LEVER:

- 1** **Lever é tão puro.** É a prova está em sua imaculada alvura... que nenhum outro sabonete lhe oferece.
- 2** **Lever suaviza o pele.** O melhor cuidado que as estrêlas podem dedicar à sua pele é a água e macia espuma de Lever.
- 3** **Lever é perfumadíssimo!** Sempre... em todos os momentos de seu uso... sua fragrância é tão mais deliciosa.

Siga, você também, o exemplo das estrêlas. Comece a usar, hoje mesmo, o perfumadíssimo Sabonete Lever - e seja mais adreível esta noite. Comece como a sua pele e a abundante espuma torna Lever **mais econômico.**

Ruth Roman, Estrela de "Fúria Siniestra" da Warner Bros.

Em 2 tamanhos

Usado por 9 entre 10 estrêlas de Hollywood

Ainda no século XXI, a referida tendência mantém-se inalterada, como se pode verificar na propaganda da rede de supermercados Extra, lançada em agosto de 2015.



O pronome *você* e a gramaticalização

Com relação ao processo de gramaticalização sofrido pela forma de tratamento, podem-se depreender três processos principais, assinalados por Bagno (2016, p. 748): um aspecto *fonológico*, em que se parte de *vossa mercê* e se chega a *cê*, um processo *sintático*, no qual se observa a mudança do plano do sintagma nominal para um índice de pessoa e, por último, um processo *discursivo*, que altera

as relações iniciais de superioridade e inferioridade, propondo outras possíveis, tais quais igualdade, neutralidade, etc.

Rumeu (2012) assinala que a forma em questão passou por todos os processos de gramaticalização propostos por Hopper (1991), dentre os quais, podem-se citar: a *estratificação* (em que coexistem, as formas variantes e as antigas, no caso, *vossa mercê* e *você*), a *divergência* (em que a forma original permanece de forma autônoma ao lado da gramaticalizada, *mercê*, *você*), a *especialização* (em que a forma gramaticalizada assume a função de sujeito, o que denota claramente sua pronominalização), a *persistência* (percebida, em algumas situações, pela conservação do caráter *indireto* da forma *você* quando comparada à forma *tu*) e a *de categorização* (evidenciada pela substituição da forma nominal / pronome pessoal *tu*).

Formas de tratamento formais e informais na atualidade

Conforme observado no caso de *você*, dois itens lexicais passaram a ser um, e este, por sua vez, passou por muitas transformações através dos tempos. Essas transformações não são involuntárias e nem são impulsionadas por fatores extremamente internos da língua. Ao contrário, são os fatores ou forças externos à língua que fazem a engrenagem da mudança linguística acontecer.

Saussure, em seus estudos, já deixa claro que o estudo da linguagem requer considerar apuração de dados externos à língua, ainda que ele, para analisar o sistema, tenha recortado de seus estudos os elementos externos:

Nossa definição da língua supõe que eliminamos dela tudo o que lhe seja estranho ao organismo, ao seu sistema: tudo quanto se designa pelo termo "linguística externa". Essa Linguística se ocupa, todavia, de coisas importantes. E é sobretudo nelas que se pensa quando se aborda o estudo da linguagem. (Saussure, 2012, p. 53)

É perceptível, com a recomendação de Saussure, que ele mesmo já considerava que o estudo língua em uso (ou da linguagem) requer o reconhecimento de forças externas ao sistema. O linguista ainda afirma serem língua e a fala objetos complementares, ou seja, para se entender a fala, a língua se faz necessária, mas a língua é estabelecida pela fala. É importante lembrar que a fala é um objeto cujos elementos são externos ao sistema da língua. Saussure também diz que a fala vem

sempre antes, com relação à História, entendida, neste caso, como fatos, acontecimentos e fenômenos humanos, de que trata a narrativa histórica.

Sem dúvida, esses dois objetos estão estreitamente ligados e se implicam mutuamente; a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça; historicamente, o fato da fala vem sempre antes. (Saussure, 2012, p. 51)

A língua está em constante transformação. Essa transformação é motivada por força externas e, portanto, é insuficiente estudar a linguagem só no âmbito do sistema, na língua fechada em si. As questões históricas que envolvem o uso da língua precisam ser entendidas para, assim, compreender as mudanças no próprio sistema. Então, língua é produto e instrumento da fala, como reitera Saussure (2012): *Existe, pois, interdependência da língua e da fala; aquela é ao mesmo tempo o instrumento e o produto desta.*

Entender que o pai da linguística moderna já observava a língua como um fenômeno social é suporte essencial para que se discuta acerca das formas de tratamento utilizadas na atualidade, uma vez que, para entendê-las, é preciso observar a língua não só como um fato fechado em si, mas como fato ligado às necessidades dos usuários. É a história humana, com seus fatores psicossociais, que impulsiona as mudanças e os novos usos dos itens linguísticos. É com base nessa concepção de língua que se analisam aqui as formas de tratamento *mano, meu, parça, tio*.

Fávero (2017) afirma, com relação às formas de tratamento, que cortesia (ou polidez) é um conjunto de normas, em uma comunidade, que regulam o comportamento de seus membros, mas que, além dessa concepção tradicional, a cortesia está ligada a fenômenos cognitivos (Escadel – Vidal), custo benefício (Leech) e preservação da face (Goffman, Brown, Levinson e Kerbrat - Orecchioni). Pode-se compreender, mais uma vez, que a perspectiva acerca das formas de tratamento não pode ser feita somente pelo viés da língua, excluindo fatores externos.

Com base nisso, trata-se aqui das formas de tratamento sob o olhar da variação linguística e também pelo paradigma da gramaticalização. No que diz respeito à variação linguística, serão abordados os conceitos vistos em Ilari e Basso (2014) e em Martelotta (2011). E, no que diz respeito ao paradigma da

gramaticalização, os conceitos observados em Gonçalves e Santos (2011) e Gonçalves, Lima-Hernandes e Casseb-Galvão (2011). No que se refere aos aspectos de linhas mais tradicionais, serão mencionados Azeredo (2008), Cegalla (2004), Cunha (2010), Tufano (1985), cujos conceitos acerca das formas de tratamento serão apresentados no desenvolver da análise a seguir.

Para se entender precisamente os fenômenos linguísticos, é preciso verificar as motivações que levam o falante a compreender e se apropriar de determinados usos da língua, em uma posição que coloque o falante em um lugar de protagonismo ou sujeito da pesquisa. Este, por sua vez, deve estar presente no processo, participando ativamente como sujeito e não como um mero objeto de análise, assim como afirma Rajagopalan:

Fica a pergunta: é possível – ou, é recomendável, no caso de a resposta a essa pergunta ser um “sim” – não nos aproximarmos de nossos sujeitos de pesquisa, sobretudo quando nossa meta é atuar no campo da(s) própria(s) prática(s) que envolve(m) o uso da linguagem? (...) A resposta feita no parágrafo anterior só pode ser um sonoro “não”. A experiência nos mostra com clareza que uma teoria capaz de instruir a prática é teoria feita levando-se em conta as condições práticas das situações concretas em que se espera a teoria seja aproveitada. (Rajagopalan, 2006)

Imbuído por esse paradigma de ciência linguística, realizou-se uma pesquisa com estudantes dos sextos e sétimos anos do Ensino Fundamental da Escola Estadual Caetanos de Campos – Aclimação, em São Paulo, Capital, entre os dias 16 e 17/11/2017. Durante o bimestre anterior à aplicação da pesquisa, os estudantes que participaram foram orientados com aulas sobre o assunto “formas de tratamento” e “pronomes de tratamento”. Com isso, pretende-se dar voz ao sujeito usuário das formas de tratamento aqui observadas e mostrar que esses usos são recorrentes principalmente nas comunidades mais jovens, uma vez que os pesquisados têm entre 10 e 15 anos de idade.

Esses estudantes utilizam com muita frequência essas formas e chegam a ser estigmatizados por isso, não só por colegas, mas por funcionários e professores, talvez por serem moradores, em grande parte, da baixada do Glicério, no coração do bairro da Liberdade, entre as regiões da Sé e Vila Mariana, centro de São Paulo.

Os participantes aqui são, pois, sujeitos-usuários desta pesquisa. Isso significa que os dados adquiridos, ainda que dentro de um recorte e dos limites óbvios, constituem o retrato de uma realidade linguística de uso.

A pesquisa foi constituída por seis perguntas e uma atividade tendo como assunto o uso das formas *mano*, *meu*, *parça* e *tio*, a saber:

1. Você usa essas palavras com frequência? Qual (is)?
2. Na sua opinião, em que contexto costumam se usadas, formal ou informal?
3. Quem as usa com mais frequência (homem ou mulher; jovem ou adulto)? *adulto aqui é considerada a pessoa com mais de 35 anos.
4. Com quem costumam ser usadas (homem ou mulher; jovem ou adulto)?
5. Qual delas indica mais proximidade/intimidade com o outro?
6. Você substituiria cada palavra por quais outras, se o contexto fosse mais formal?
Escreva frases que costuma ouvir ou falar, uma com <i>mano</i> , uma com <i>meu</i> , outra com <i>parça</i> / <i>tio</i> .

Os dados colhidos com a pergunta 1 foram transformados em tabela para melhor compreensão.

Uso pessoal das formas de tratamento por estudante					
Pesquisados	Formas de tratamento				
Por sexo	<i>Mano</i>	<i>Meu</i>	<i>Parça</i>	<i>Tio</i>	<i>Todas</i>
Meninos	45%	9%	36%	9%	9%
Meninas	48%	31%	5%	0%	47%

A intenção ao fazer a pergunta 1 aos estudantes foi verificar se, de fato, essas palavras circulam nas comunidades de fala onde vivem e saber qual a frequência de uso por sexo acerca das formas de tratamento *mano*, *meu*, *parça*, *tio* ou se usam todas elas na mesma frequência. Os resultados em percentuais mostram que, por parte das meninas, o uso mais frequente é a forma de tratamento *mano*, a menos usada é *parça* e a nunca (ou quase nunca) usada é a palavra *tio*.

A palavra *mano* está registrada no *Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras* como pertencente à classe gramatical dos adjetivos, familiares e explica

“(...) tratamento afetuoso entre amigos; companheiro, colega.”. Mesmo sendo colocado na classe dos adjetivos, Bechara concorda que *mano* é uma forma de tratamento quando diz que é um “tratamento afetuoso entre amigos”. Vê-se, a partir dessa afirmação, uma relação de significado entre *mano* adjetivo e *mano* forma de tratamento.

A palavra *mano* é uma forma de tratamento empregada como vocativo que, de acordo com Azeredo (2013, p. 264), é um fenômeno possível na nossa língua, em que se distinguem as formas pronominais e as de função vocativa.

Na perspectiva variacionista, esta distinção entre o termo dicionarizado e a realidade de fala ocorre devido o fenômeno de *variação diacrônica*. A variação diacrônica é um fenômeno natural de mudança de sentido (e/ou na forma) em um item lexical/gramatical através dos tempos (Basso e Ilari, 2014). Ela acontece, então, pelos meandros da história interna (fenômenos gramaticais) e da história externa (questões sociais, biológicas, psicológicas) da língua. Essa mudança ocorreu de forma nítida no item *mano*, como é possível constatar pelo paradigma da gramaticalização.

De acordo com Carvalho e Gonçalves, citando Hopper (1991), a gramática de uma língua é emergente. Isso significa que sempre haverá mudanças nas formas e conteúdo de um item gramatical. Hopper (1991) aponta cinco parâmetros para se constatar o processo de gramaticalização de um item:

1. **Estratificação**, diversas camadas de significados/sentidos atribuídos em um item;
2. **Divergência**, o sentido novo e os antigos são atribuídos ao mesmo item por um período de tempo;
3. **Especialização**, momento do processo de mudança em que o novo sentido é mais atribuído que os velhos;
4. **Persistência**, fase da mudança em que alguns semas permanecem no item já gramaticalizado;
5. **Descategorização**, quando o item perde totalmente as marcas morfológicas e sintáticas, como nomes e verbos, assumindo uma função mais gramatical, como advérbios, pronomes, preposições, clíticos, afixos, ou chegar a zero.

O item *mano*, que, de acordo com a pesquisa, é o mais falado, tanto por meninos quanto com meninas, ainda está na fase de *divergência*, uma vez que o

sentido de adjetivo, que é lexical, convive com o sentido de pronome de tratamento, que é mais gramatical. No caso do sentido de pronome, ainda não há registros lexicográficos caracterizando o item como pertencente à classe dos pronomes.¹⁰

Como se vê, o item *mano* pertence a uma classe gramatical mais independente, mais lexical, pertencente ao inventário aberto da língua. E, assim, com o passar do tempo, ele está perdendo o sentido de adjetivo, passando a ser usado mais usado pelos falantes jovens como pronome de tratamento na forma vocativa. O processo de gramaticalização da palavra *mano* está em curso, uma vez que, para seu fim, prevê-se que o uso passe a ser estritamente pronominal, um item gramatical.

A forma *meu*, por sua vez, continua na mesma categoria gramatical de pronome, porém não continua sendo usada somente na categoria de pronome possessivo, mas, também, de pronome de tratamento. O item, entre os falantes, é usado nos dois sentidos, na mesma proporção. A diferença é que o item pronome possessivo é protocolado, já como pronome de tratamento não. E, de acordo com a pesquisa, é a segunda forma de tratamento mais falada entre os jovens de 10 e 15 anos de idade.

O Dicionário da Academia Brasileira de Letras registra a palavra *meu*, além de pronome possessivo, como registro de gíria que indica proximidade, pois coloca a palavra “camarada” como exemplo sinonimal; ou seja, *meu* não está enquadrado formalmente em uma classe gramatical, mas já se aceita que o uso é uma forma, ainda que vulgar, de tratamento. *Meu* é um item gramatical que mesmo em processo de gramaticalização continua gramatical, mas o sentido está em convívio com outro sentido, como já dito. O item, então, é estigmatizado pela gramática normativa como gíria e está no estágio de divergência da gramaticalização. Tanto o Dicionário quanto a Gramaticalização e a pesquisa com os alunos mostram que essa palavra é utilizada como forma de tratamento.

Todas as formas de tratamento pesquisadas aqui foram verificadas em falas de estudantes. Contudo, a palavra *parça* não estava na pesquisa. Os estudantes, então, sinalizaram que essa forma de tratamento é muito mais usada por eles(as) que a forma *tio*, por exemplo. Como, neste trabalho, o falante é parte integrante e sujeito de pesquisa, o item *parça* passou a ser fazer parte da pesquisa.

¹⁰ O que para Azeredo (2013) seriam as já mencionadas formas não protocolares.

A palavra *parça* é uma redução da palavra *parceiro*. É muito comum entre os falantes mais jovens a redução de palavras para facilitar a comunicação, como a palavra *professor*, que virou *prô*; *motorista*, que virou *motor*; *você*, que, na escrita, virou *vc*, e, na fala, virou *cê*, etc.

De acordo com o dicionário Houaiss, a palavra *parceiro* indica sociedade, cumplicidade, companheiro. O Dicionário da Academia Brasileira de Letras registra a palavra como usada com pessoa com quem se compartilha uma atividade, com quem se tem convivência íntima e harmoniosa e com quem se mantém relações sexuais.

Aqui, no caso, o sentido de *parça* é de cumplicidade e convivência íntima. Os dois dicionários registram *parceiro* como substantivo e o sentido delas está sempre relacionado à proximidade. Isso significa que a palavra *parça*, por ser redução de *parceiro*, é uma forma tratamento que indica proximidade. Entretanto, *parça* não é registrada nos dicionários, pois não está gramaticalizada.

No processo de gramaticalização, a palavra está em um estágio gramaticalizado morfológicamente e gramaticalmente, por funcionar como pronome, mas, socialmente falando, ainda é estigmatizada por ser usada por uma comunidade específica que também sofre estigma social, jovens de classe social baixa, na grande maioria. Essa palavra é usada como vocativo, quando o falante dirige-se ao outro fazendo um chamamento, mas também como adjetivo, quando qualifica a pessoa a quem se dirige ou de quem se fala: “E aí, *parça*, irmão?”, “Fala, Bruno, meu *parça*.” “Ele é *parça* mesmo.” (exemplos nossos)

Tio é a forma menos falada por esses estudantes. Está dicionarizada como substantivo masculino e significa irmão do pai ou da mãe ou o marido da tia (Houaiss, 2011); irmão do pai ou da mãe de uma pessoa (DABL, 2011). Também neste item pode-se ver que o uso dessa palavra é essencialmente de proximidade, familiar. Por associação, os mais jovens usam a palavra com pessoas próximas, com amigos, por exemplo. No que diz respeito à mudança linguística, esse item é ainda pertencente a uma classe gramatical lexical, substantivo, mas, também, está sendo utilizada como forma de tratamento. Ocorre aí a gramaticalização do item. Ele perde, em determinados contextos de uso, o teor lexical e passa a ser usada em sentido mais gramatical. Segundo Hopper, o item *tio* ainda está no estágio de divergência, em que seu significado/sentido novo está convivendo com os antigos significados/sentidos.

Os dados da pesquisa comprovam que as formas *Mano*, *meu*, *parça* e *tio* são usadas informalmente, como se constata pelo resultado da pergunta 2, vista na tabela a seguir:

Situação de uso das formas de tratamento <i>mano, meu, parça e tio</i>	
Informal	94%
Formal	6%

As formas de tratamento *mano*, *meu*, *parça* e *tio* são usadas por homens jovens, na maioria das vezes, de acordo com os pesquisados. Todavia, as mulheres mais jovens também as utilizam com frequência. Os homens adultos usam as formas com menos frequência, e as mulheres adultas não as utilizam. Podemos observar isso nesta tabela:

Quem costuma utilizar as formas de tratamento <i>mano, meu, parça e tio</i>		
Faixa etária	Mulher	Homem
Jovem	15%	34%
Adulto(a)*	0%	3%

*pessoa com idade ou superior a 35 anos. **homem ou mulher jovem ou adulto(a)

Há um grau de intimidade entre os falantes e costuma se dirigir, utilizando essas formas, a homens jovens. Em algumas ocasiões, usam-se as formas com homens mais velhos, mas, de acordo com esta pesquisa, jamais com mulheres adultas. Entretanto, são usadas com mulheres mais jovens, eventualmente. Já com os homens mais jovens as formas são muito utilizadas, de acordo com os estudantes pesquisados. Essas constatações têm como base as respostas da pergunta 4 pelas quais se chegou aos dados, expostos na tabela a seguir:

Com quem se usa as formas <i>mano, meu, parça e tio</i>		
Faixa etária	Mulher	Homem
Jovem	18%	36%

Adulto(a)*	0%	9%
Ambos**	3%	

*pessoa com idade ou superior a 35 anos. **homem ou mulher jovem ou adulto(a).

Os pesquisados afirmaram que a forma *mano*, em uma situação de proximidade/intimidade, é a mais utilizada, tanto por homens como por mulheres, jovens ou adultos (as). Neste caso, meninos utilizam mais a forma *mano* que as meninas. Elas preferem a forma *meu*. A forma *meu* é a segunda mais utilizada quando se tem intimidade com o interlocutor, na opinião das meninas e dos meninos consultados na pesquisa. *Meu* é mais utilizada por meninas que por meninos. As meninas pesquisadas disseram que não utilizam a forma *tio*, mas 36% delas utilizam as outras formas, mais comumente. Já os meninos utilizam a forma *tio*, só que em menos frequência que as outras formas. Até aqui, pelos dados, é possível observar que realmente a forma *parça* é mais utilizada que *tio*, como salientaram os estudantes no início da pesquisa. Com os resultados com a pergunta 5, conseguiu-se chegar aos seguintes dados conforme a tabela a seguir:

As formas mais usadas quando se tem intimidade com o interlocutor					
Pesquisados	<i>Mano</i>	<i>Meu</i>	<i>Parça</i>	<i>Tio</i>	Ambos
Meninos	60%	35%	17%	13%	35%
Meninas	55%	68%	18%	0%	36%

Na pergunta 6, os estudantes tiveram a liberdade de expor quais palavras usam em contextos relativamente formais, com pessoas não tão íntimas/próximas. Foram citadas por eles 12 formas linguísticas de tratamento. Fez-se, então, uma tabela com essas formas, separando as que foram citadas pelas meninas e as que foram citadas pelos meninos.

Palavras usadas em contextos relativamente formais

Forma de tratamento	Meninos	Meninas
Amigo	37%	31%
Sr.	18%	65%
Dr.	18%	17%
Querido	9%	22%
Você	9%	17%
Moço	9%	5%
Colega	9%	0%
Nome próprio	0%	5%
Irmão	0%	9%
Caro	0%	5%

Os estudantes consideraram aqui como contexto formal uma situação de interação em que não se tem proximidade com interlocutor. E, como base nisso, apontaram essas formas de tratamento. Em um contexto mais formal, as meninas costumam usar a forma *senhor* ou *senhora*, em primeiro lugar. Os meninos preferem *amigo* em primeiro lugar. Entre os meninos, a forma *senhor* ou *senhora* fica como segunda opção. Já as meninas usam *amigo* em segundo lugar, e *querido/querida* em terceiro lugar. Quanto às demais formas de tratamento citadas, tem-se como destaque o fato de os estudantes terem pontuado a forma *você* como formal.

Isso revela que essa forma contínua em mudança linguística, caminhando para o uso formal, como já fora um dia. Por muito tempo, e ainda hoje, *você* foi considerado um pronome de tratamento informal. Novamente, isso acontece porque era um uso próprio de pessoas não escolarizados e, sendo assim, a forma fica estigmatizada socialmente. A linguagem é fator de exclusão ou inclusão social, sendo as formas mais consagradas as faladas por falantes das classes sociais mais altas. Quando a classe média passou a utilizar a forma, o pronome passou a ser considerado como usual. E, hoje, já é dicionarizado. Essa forma não é registrada como pronome reto, embora comumente seja utilizado como tal.

A gramática de Douglas Tufano (1985), *Estudos de Língua Portuguesa – Gramática*, não registra *você* como pronome, nem como forma de tratamento. Não há registro da forma nesta gramática. Na Nova minigramática da Língua Portuguesa, de Cegalla (2004), *você* está registrado como pronome de tratamento familiar,

contrariando os falantes pesquisados que usam, também, a forma em situação formal, menos íntima e menos familiar. Já a *Gramática do Português Contemporâneo*, de Celso Cunha (2010), não registra *ocê* como pronome pessoal, mas como pronome de tratamento sim, tanto como sujeito quanto como objeto. Afirma também que *ocê* é uma forma coloquial. Como pronome pessoal não está grafado.

Essas gramáticas apontam que o sentido de *ocê* é de tratamento mais familiar, usado por falantes que consideram seus interlocutores pessoas íntimas. Entretanto, os falantes reais e atuais pesquisados dizem usar a forma de tratamento *ocê* em situação mais formal. Portanto, constata-se que, de acordo com a gramática, o item é usado como coloquial e familiar, mas, de acordo com os falantes reais participantes da pesquisa, ele está cursando um caminho cujo fim é a formalidade; ao passo que *mano*, *meu*, *parça* e *tio* são as formas que ocupam o lugar da informalidade das formas de tratamento mais familiares e íntimas. *Você* é, pois, uma forma de tratamento em mudança linguística, em processo de gramaticalização no estágio de *divergência*, ou seja, é utilizado tanto como forma de tratamento formal e quanto como forma de tratamento informal, no português brasileiro.

Considerações finais

As formas de tratamento no PB, tal qual em outras línguas, apresentam-se múltiplas e podem ser analisadas de diversas maneiras. O fenômeno da gramaticalização, inerente ao sistema linguístico, dá conta, muitas vezes, de mensurar as mudanças em curso, tal como de explicar, respeitadas as diferentes etapas, as transformações já operadas em determinadas palavras.

Com base nisso, pode-se entender, por exemplo, o percurso da palavra *ocê*, desde seu advento, em meados do século XVII. Por meio da abordagem histórica, procurou-se não só mencionar em que momento da língua se consolidou o seu uso, como também compreender a relativa instabilidade na demarcação de relações discursivas, entremeadas pelo pronome em questão.

Além disso, com base na visão de Azeredo (2013), foi possível expandir o conceito de forma de tratamento, trazendo à luz formas não pronominais, de gramaticalização candente, ligadas à função vocativa. Por meio da pesquisa

realizada, evidenciaram-se os processos de continuidade e descontinuidade no uso de determinadas formas de tratamento, bem como fatores (dentre eles o gênero dos usuários) que norteiam a escolha de determinada forma em detrimento a outra (s).

Desse modo, por meio de uma abordagem diacrônica e sincrônica do PB, chegou-se a resultados relevantes, tanto do ponto de vista histórico, em que se pode verificar a legitimação das formas pronominais já conhecidas e amplamente difundidas em todo território, quanto do ponto de vista da gramaticalização, em que se verificou a continuidade do processo, seja nas formas inovadoras *meu*, *mano*, *parça* e *tio*, seja nas já disseminadas entre todos os falantes, como no caso de *ocê*.

Referências

- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: Hucitec, 1976.
- AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2013.
- BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2016.
- BASSO, Renato; ILARI, Rodolfo. *A variação que vemos e a variação que esquecemos*. In: *O português da gente*. São Paulo: Contexto, 2006.
- BECHARA, Evanildo. *Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras – Língua Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.
- _____. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Lucerna, 2009.
- BOLÉO, Manuel de Paiva. *Introdução ao estudo da Filologia Portuguesa*. Lisboa: Revista de Portugal, 1946.]
- CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- CAMINHA, Pero Vaz de. *Carta a El-Rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil*. Lisboa: Printer Portuguesa, 1997.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Nova minigramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004.

CINTRA, Luis F. L. *Sobre formas de tratamento na língua portuguesa*. Lisboa: Horizonte, 1972.

CUNHA, Celso. *Gramática do Português Contemporâneo*. São Paulo: L&PM, 2010.

FÁVERO, Leonor L. *Formas de tratamento e cortesia no diálogo de jovens do Português brasileiro*. PUC/USP/CNPq, 2017.

GONÇALVES, Clézio Roberto. *Uma abordagem sociolinguística do uso das formas você, ocê e cê no português*. Dissertação de mestrado. São Paulo: USP, 2008.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; CARVALHO, Cristina dos Santos. *Crêterios de Gramaticalização*. In: GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite et.alli. *Introdução à Gramaticalização: Princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola, 2012.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. *Cancioneiros medievais galego-portugueses*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MELLO, Francisco Manuel. *Feira dos anexins*. Lisboa: Livraria Editora, 1916.

_____. *O auto do aprendiz*. Lisboa: Ed. José de Camões, s/d.

NASCENTES, Antenor. *O tratamento de você no Brasil*. Paraná: Revista Letras, 1956.

TUFANO, Douglas. *Estudos de língua portuguesa – Gramática*. São Paulo: Editora Moderna, 1985.

RUMEU, Maria Cristina de Brito. *A variação “tu” e “você” no português brasileiro oitocentista e novecentista: reflexões sobre a categoria social gênero*. São Paulo: Alfa, 2013.

_____. *Vestígios da pronominalização de Vossa Mercê > Você em missivas cariocas e mineiras: uma incursão pelo português brasileiro escrito nos séculos XIX e XX*. Juiz de Fora: Veredas online – Atemática, 2012.

SAID ALI, M. *Investigações filológicas*. Rio de Janeiro: Grifo, 1976.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Tu, você, cê e ocê na variedade brasiliense*. São Paulo: Papia, v.21, 2011.

ABSTRACT

We will present here some considerations about the most common forms of treatment and will analyze other uses emerging in the Portuguese language of Brazil, with regard to the vocative function that it performs. The general conceptualization on the forms of treatment will be approached, going through a brief historical course, in which the advent, uses of some forms will be measured, in Portugal and in Brazil. Some sections will be analyzed highlighting the main forms of treatment in Brazilian Portuguese. Also, other forms of treatment will be raised, directly related to the vocative function, according to Azeredo (2013), using oral record excerpts, in which such occurrences are evidenced, whose context of use is informal.

Key words: Treatment, Portuguese, Historiography, Grammaticalization.

Envio: janeiro/2019
Aceito para publicação: agosto/2019

VERBUM – CADERNOS DE PÓS GRADUAÇÃO – ISSN 2316-3267